



Alice Clayton

# Subindo pelas Paredes

[Wallbanger]

Benvirá

Alice Clayton

# Subindo pelas Paredes

[Wallbanger]

Tradução  
Paulo Nogueira

Benvirá

*Para minha mãe,  
por me deixar ter bolo de coco em meu aniversário,  
embora ninguém mais gostasse.*

*Para meu pai,  
por ler tiras do Garfield para mim  
até chorarmos de tanto rir.*

*Obrigada.*

# SUMÁRIO

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO CATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

AGRADECIMENTOS

# CAPÍTULO UM

– Ai, meu Deus!

*Tum.*

– Ai, meu Deus!

*Tum, tum.*

*Que diabo...*

– Ai, meu Deus, está tão bom!

Acordei completamente confusa e olhei ao redor do quarto estranho. Caixas no chão. Fotografias na parede.

*Meu novo quarto, em meu novo apartamento, lembrei a mim mesma, pousando as mãos na textura luxuosa do edredom. Mesmo meio dormindo, tive noção desse luxo.*

– Hummmm... Isso, querido. Aí mesmo. Assim... Não para, não para!

*Caramba...*

Sentei na cama, esfreguei os olhos e me virei para a parede atrás de mim, começando a entender o que tinha me acordado. Minhas mãos ainda apalpavam distraidamente o edredom, o que atraiu a atenção de Clive, meu gato de estimação. Enfiando sua cabeça sob minha mão, ele exigia carinho. Dei-lhe uma palmadinha enquanto olhava em volta e tentava me orientar em meu novo espaço.

Havia me mudado naquele mesmo dia, mais cedo. Era um apartamento esplêndido, com piso de madeira, portas em arco – tinha até uma lareira! Eu não fazia a menor ideia de como acender o fogo, mas não importava. Estava realmente

ansiosa para enfeitar o parapeito da lareira. Como designer de interiores, desenvolvi o hábito mental de decorar qualquer espaço, pertencesse a mim ou não. Meus amigos ficavam loucos, porque eu sempre queria decorar as suas casas.

Tinha passado o dia fazendo a mudança e, depois de ficar de molho na minha nova e incrível banheira até a pele parecer uma ameixa seca, me acomodei na cama para curtir os chiados, os rangidos do meu novo lar: o semáforo da rua, uma música suave, o som das explorações de Clive – e, por explorações, entenda-se arranhar o chão.

Aí, às duas e trinta e sete da manhã, me encontrei encarando estupidamente o teto, tentando entender que barulheira era aquela, assustada com o movimento da cabeceira da minha cama.

*Só pode ser brincadeira!* Então, escutei muito claramente:

– Oh, Simon, foi tão bom! Hummmm...

*Jesus...*

Pisquei algumas vezes; já me sentia mais acordada e um tanto fascinada pelo que obviamente estava acontecendo no vizinho. Fitei Clive, que me devolveu o olhar – se não estivesse tão cansada, poderia jurar que ele piscou um olho.

*Acho que alguém está se dando bem.*

Eu estava sem sexo havia algum tempo. Um longo tempo. Sexo sem graça e rapidinhas com casos de uma noite inibiam meus orgasmos. O jejum já durava seis meses. Seis compridos meses. Tentava fugir dessa crise que ameaçava se estabelecer, mas o “O” maiúsculo era, aparentemente, um hiato definitivo. E eu não estou falando da Oprah.

Afastei o pensamento de meus “Os” desaparecidos e me virei de lado. As coisas pareciam estar mais sossegadas agora, e comecei a adormecer novamente. Clive ronronava alegremente junto a mim. Aí, o mundo desabou.

– Isso! Isso! Ai, meu Deus... Ai, meu Deus!

O quadro que eu tinha colocado na prateleira sobre a cama despencou na minha cabeça. Aquilo me ensinaria o que é viver em San Francisco sem a garantia de que tudo está devidamente montado. *E por falar em montar...*

Massageando a cabeça e xingando a ponto de enrubescer Clive – se gatos fossem capazes de enrubescer –, encarei novamente a parede atrás de mim. A cabeceira da cama literalmente batia contra a parede conforme o tumulto no apartamento vizinho continuava.

– Isso, querido, isso, isso, isso! – a tagarela entoava... e concluía com um suspiro. Então, escutei – por tudo o que é mais sagrado – *palmadas*. Ninguém confunde o barulho de um belo tapa – e alguém no vizinho estava apanhando.

– Ai, meu Deus, Simon. Isso. Tenho sido uma menina má. Isso, isso!

*Que ótimo...* Mais tapas e, depois, o som de uma indubitável voz masculina suspirando e gemendo.

Sem tirar os olhos da parede, levantei, afastei um pouco a cama e me joguei outra vez embaixo do edredom.

Nessa noite, antes de dormir, jurei que esmurraria a parede se ouvisse mais um pio. Ou gemido. Ou tapa.

Bem-vinda ao bairro, Caroline.

## CAPÍTULO DOIS

Comecei a manhã seguinte, minha primeira manhã oficial em minha nova casa, bebericando uma xícara de café e mastigando o resto de um donut amanhecido.

Não estava tão acordada quanto tinha imaginado que estaria durante a farra do dia anterior e silenciosamente amaldiçoei as palhaçadas do vizinho. A garota foi comida, estapeada, depois gozou e dormiu. Simon, idem. Pelo menos eu deduzi que ele se chamava assim, já que foi o nome que a mulher que gostava de apanhar ficou repetindo. E, convenhamos, se fosse para ela inventar um nome, havia outros bem mais excitantes do que Simon para serem gritados no momento do êxtase.

O êxtase... *Deus, meus êxtases sumiram...*

– Nadica de nada, hein, O? – suspirei, olhando para baixo.

Lá pelo quarto mês de jejum, desatei a falar com meus Os como se fossem uma entidade real. Bem, pareciam reais nos bons e velhos tempos, mas, infelizmente, agora que tinham me abandonado, eu já não sabia se um dia seria capaz de reconhecê-los. É um dia muito, muito triste aquele em que uma garota deixa de identificar seus próprios orgasmos, ruminei em pensamento enquanto contemplava melancolicamente os telhados de San Francisco através da janela aberta.

Estiquei as pernas e fui lavar a xícara de café. Depois de colocá-la no escorredor, preendi meu cabelo loiro-claro num rabo de cavalo malfeito e reparei no caos que me rodeava.



Havia planejado tudo com cuidado, etiquetado as caixas, repetido inúmeras vezes ao idiota da mudança que, se estava escrito COZINHA, não significava BANHEIRO, porém nada disso importou: o apartamento estava uma zona. Por sorte, na noite anterior, tinha me lembrado de separar minha xícara favorita.

– O que você acha, Clive? Começamos por aqui ou pela sala de estar?

Ele estava aconchegado no peitoril da janela. Devo admitir que, quando procurava um novo lugar para morar, eu sempre avaliava os peitoris. Clive adorava observar o mundo lá fora, e era legal avistá-lo à minha espera ao voltar para casa.

Naquele exato momento, ele me fitou e pareceu acenar em direção à sala.

– Tudo bem, pela sala, então – falei, notando que só pronunciara três coisas desde que acordara e que todas as palavras anteriores haviam sido dirigidas à minha vagina. Puxa...

Cerca de vinte minutos mais tarde, Clive começou a mirar um pombo, e eu, que estava organizando os DVDs, ouvi vozes na entrada do prédio. Meus vizinhos barulhentos! Corri até a porta, quase tropeçando numa caixa, e encostei o olho no visor para observar a porta ao fundo do corredor. *Que depravada que eu sou.* Mas não fiz nenhum esforço para parar de bisbilhotar.

Não conseguia enxergar claramente, mas era capaz de ouvir a conversa: a voz masculina baixa e acariciadora, seguida pelos inconfundíveis suspiros de sua interlocutora.

– Hummmmm, Simon, a noite de ontem foi fantástica.

– Acho que *esta manhã* também foi – ele disse, dando na mulher o que pareceu um beijaço.

Bem. Esta manhã, eles devem ter usado outro cômodo. Não ouvi nada. Me espremi ainda mais contra o olho mágico. *Depravada.*

– Também foi! Você me telefona? – perguntou ela, inclinándose para outro beijo.

– Claro. Ligo quando voltar à cidade – ele prometeu, desferindo um tapinha no bumbum da mulher enquanto ela dava uma risadinha e se virava para ir embora.

Parecia que a garota não estava com essa bola toda. Tchauzinho, Castigada! O ângulo não me permitia ver direito o tal Simon, que entrou em seu apartamento antes que eu pudesse ter uma ideia precisa de sua aparência. *Interessante. Então, essa jovem não mora com ele.*

Não escutei nenhum “Eu te amo” quando ela foi embora, mas os dois pareciam muito à vontade. Masquei distraidamente a ponta do meu rabo de cavalo. Eles tinham de estar à vontade, com todas aquelas bofetadas.

Varrendo da cabeça pensamentos de tapas e de Simon, voltei à minha coleção de DVDs. *Simon, o Carrasco.* Avancei à letra H nos títulos dos filmes.

Uma hora mais tarde, eu posicionava *Vestida para casar e A verdade nua e crua*, quando ouvi uma batida. Alguma coisa estava sendo arrastada no corredor conforme eu me aproximava da porta; reprimi um sorriso.

– Cuidado com isso, sua idiota – uma voz xingou.

– Ah, cala essa boca. Para de ser mandona – uma segunda voz resmungou.

Revirando os olhos, abri a porta e me deparei com minhas duas melhores amigas, Sophia e Mimi, que seguravam uma grande caixa.

– Não briguem, senhoras. Vocês duas são lindas. – Dei uma risada e arqueei uma sobrancelha para elas.

– Ha-ha, muito engraçado – Mimi respondeu, cambaleando para dentro do apartamento.

– Que diabo é isso? Não acredito que vocês carregaram esse troço por quatro lances de escada! – Minhas amigas não faziam nenhum tipo de trabalho manual se podiam arrumar alguém para fazê-lo por elas.

– acredite, nós ficamos esperando que alguém desse uma mãozinha, mas não tivemos sorte. Então, o jeito foi carregarmos nós mesmas. Feliz casa nova! – disse Sophia. Elas pousaram a caixa, e Sophia se jogou na poltrona, perto da lareira.

– É, mas vê se para de ficar mudando de casa. A gente já está cansada de comprar presentes pra você! – Mimi riu, estendendo-se no sofá e cobrindo dramaticamente o rosto com as mãos.

Cutuquei a caixa com a ponta do pé e perguntei:

– Afinal, o que tem aqui? E eu nunca falei que vocês precisavam comprar nada. O liquidificador do ano passado, por exemplo, totalmente desnecessário.

– Não seja ingrata. Abre – Sophia ordenou.

Suspirei e sentei no chão, em frente ao presente. Soube que

era da Williams--Sonoma por causa da fita com o logotipo e do pequeno abacaxi amarrado a ela. O que quer que a caixa contivesse, era algo pesado.

– Ah, não. O que as duas aprontaram? – perguntei, reparando numa piscada de olho de Mimi para Sophia. Ao desatar a fita e abrir o pacote, fiquei radiante com o que encontrei. – Meninas, isso é demais!

– A gente sabe a saudade que você tem da antiga – gracejou Mimi, sorrindo para mim.

Anos atrás, eu havia herdado uma velha batedeira Kitchen Aid de uma falecida tia-avó. A máquina tinha mais de quarenta anos, mas funcionava muitíssimo bem. Aqueles aparelhos eram fabricados para durar, e o meu resistira até poucos meses atrás, quando finalmente se aniquilou com um estardalhaço. Uma tarde, enquanto eu batia uma fornada de pão, ela tremeu e desatou a fumegar e, por mais que tenha odiado fazer isso, joguei-a fora.

Agora, enquanto fitava a caixa aberta e a batedeira de aço inoxidável novinha, cintilante, que me devolvia o olhar, visões de biscoitos e tortas começaram a dançar em minha cabeça.

– Meninas, é linda – arfei, admirando meu novo bebê. Ergui-a em reverência. Afagando-a com as mãos, deslizando os dedos para sentir suas linhas suaves, me delicieei com o contato do metal frio contra minha pele. Suspirei levemente e até a abracei.

– Vocês querem ficar sozinhas? – perguntou Sophia.

– Não, tudo bem. Prefiro que vocês fiquem para testemunhar

nosso amor. Afinal, este é, provavelmente, o único instrumento mecânico que me dará prazer no futuro próximo. Obrigada, meninas. É muito caro, mas realmente amei.

Clive se aproximou, cheirou a batedeira e imediatamente saltou para dentro da caixa vazia.

– Prometa que vai fazer coisas gostosas para nós, e tudo terá valido a pena, querida. – Mimi então se levantou e olhou para mim com olhos ávidos.

– O quê? – perguntei, cautelosa.

– Caroline, já posso começar com suas gavetas, por favor? – ela perguntou, avançando rumo ao interior do apartamento com passos hesitantes.

– Pode começar o que com minhas gavetas? – falei, apertando um pouco mais o cordão da minha calça.

– Sua cozinha! Estou morrendo de vontade de arrumar tudo! – Mimi exclamou, sapateando no lugar.

– Ah, tudo bem, que se dane. Divirta-se! Feliz Natal, sua doida – declarei, e Mimi saiu correndo triunfalmente.

Mimi era organizadora profissional. Quando nós três estávamos em Berkeley, ela deixava Sophia e a mim malucas com seus surtos de TOC e sua atenção maníaca para o detalhe. Um dia, Sophia sugeriu que Mimi fizesse daquilo uma profissão, e foi exatamente o que ela fez após se formar. Agora, atuava em toda San Francisco, ajudando famílias a organizar suas tranqueiras. A empresa de design para a qual eu trabalhava de vez em quando se consultava com Mimi, que chegou até a aparecer na TV. Aquela carreira lhe caiu como

uma luva.

Assim, deixei Mimi fazer o que ela sabia, consciente de que minhas coisas ficariam perfeitamente arrumadas e eu, devidamente abismada. Sophia e eu permanecemos na sala, ela espiando os DVDs e dando risada dos filmes a que eu tinha assistido nos últimos anos.

Mais tarde, naquela mesma noite, depois que minhas amigas se foram, me afundei no sofá da sala, ao lado de Clive, para assistir a reprises de *Barefoot Contessa*,<sup>[1]</sup> no Food Network. Enquanto sonhava com os quitutes que faria com a minha nova batedeira – e lembrava que, um dia, desejei uma cozinha como a de Ina Garten –, ouvi passos no corredor e duas vozes. Estreitei os olhos na direção de Clive. As palmadas estavam de volta.

Pulando do sofá, perscrutei de novo pelo olho mágico para tentar ver meu vizinho. E de novo o perdi; só avistei suas costas quando ele entrou em seu apartamento atrás de uma mulher bastante alta e de cabelo castanho.

*Interessante. Duas mulheres diferentes em dois dias. Galinha.*

Vi a porta fechar e senti Clive se enroscar em minhas pernas, ronronando.

– Não, você não pode sair, tolinho – disse, me abaixando para pegá-lo. Esfreguei seu pelo sedoso em minha bochecha e sorri quando Clive se recostou em meus braços. Ele era o galinha por aqui; deitaria com qualquer uma que coçasse sua barriga. Regressando ao sofá, assisti à *Barefoot Condessa* ensinar a recepcionar uma dinner party nos Hamptons com uma elegância simples – e uma conta bancária do tamanho dos

Hamptons.

Poucas horas depois, com a marca da almofada do sofá impressa profundamente em meu rosto, tomei o rumo do quarto para dormir. Mimi tinha organizado meu closet com tanta eficiência, que tudo o que me restou fazer foi pendurar umas fotografias e arrumar uma miscelânea ou outra. Bastante deliberadamente, retirei da prateleira que ficava sobre a cama o restante dos retratos. Não pretendia correr riscos esta noite. Parei no meio do quarto e tentei ouvir algum ruído vindo do vizinho. Tudo calmo nessa trincheira. Até agora, tudo certo. Talvez a noite anterior não tivesse passado de um caso isolado.

Enquanto me arrumava para dormir, olhei as fotos da minha família e dos meus amigos. Meus pais e eu esquiando no lago Tahoe. Minhas amigas e eu na Coit Tower. Sophia adorava tirar fotografias perto de qualquer coisa fálica. Ela era violoncelista na Orquestra Sinfônica de San Francisco e, embora tivesse estado próxima de instrumentos musicais durante toda a vida, jamais conseguia evitar uma piada quando via uma flauta. Era perturbada.

No momento, nós três estávamos solteiras, algo raro. Geralmente, pelo menos uma de nós namorava, mas, desde que Sophia terminara um relacionamento, alguns meses antes, amargávamos um jejum. Para sorte das minhas amigas, porém, sua privação não era tão severa quanto a minha. Até onde eu sabia, elas ainda reconheciam seus respectivos Os.

Com um calafrio, lembrei a noite em que O e eu nos separamos. Eu havia tido uma série de primeiros encontros

lastimáveis e me encontrava tão frustrada sexualmente, que me permiti ir ao apartamento de um cara que eu não tinha a menor intenção de ver novamente. Não que fosse contra ficar por uma noite. Já tinha feito a caminhada da vergonha em muitas manhãs. Mas aquele cara? Deveria ter pensado melhor. Cory Weinstein, blá-blá-blá. A família dele tinha uma rede de pizzarias em toda a Costa Oeste. Parece legal, certo? Só parece. Cory era simpático, mas chato. Eu não ficava com um homem havia algum tempo, então, depois de vários martinis e de uma conversa animada no carro, cedi e resolvi dar uma chance a ele.

Bem, até aquele ponto, eu compartilhava a velha teoria de que sexo é como pizza: mesmo quando é ruim, é bom. Passei a odiar pizza. Por várias razões.

Foi a pior espécie de sexo. Do tipo metralhadora: rápido, rápido, rápido. Trinta segundos nos seios, sessenta segundos em um ponto localizado a alguns centímetros do lugar certo, e lá dentro. E fora. E dentro. E fora. E dentro. E fora.

Pelo menos, acabou depressa, certo? Errado. O horror continuou por meses a fio. Bem, não exatamente. Mas foram quase trinta minutos. De dentro. E fora. E dentro. E fora. Minha xoxota parecia ter sido fustigada por um jato de areia. Quando ele finalmente acabou – e gritou “Bom demais!”, antes de desmaiar em cima de mim –, eu já tinha reorganizado mentalmente todos meus temperos e catalogava os produtos de limpeza que ficavam debaixo da pia da cozinha. Me enfiei na roupa, o que não demorou muito, já que ainda estava quase toda vestida, e me mandei.



Na noite seguinte, depois de deixar a Pequena Caroline se recobrar, decidi regalá-la com uma longa sessão de autoamor, protagonizada por seu amante imaginário favorito, George Clooney, no papel do dr. Ross. No entanto, para minha grande consternação, O havia abandonado o recinto. Encolhi os ombros, conjecturando que talvez ele apenas precisasse de uma pausa, ainda traumatizado pela experiência do pizzaiolo Cory.

Mas na noite seguinte? Nada de O. Nem sinal dele naquela semana, ou na próxima. Quando as semanas viraram um mês, e os meses se esticaram e esticaram, eu desenvolvi um profundo e vulcânico ódio por Cory Weinstein e sua foda metralhadora...

Sacudi a cabeça, eliminando os pensamentos sobre O, e rastejei até a cama. Clive esperou que eu me acomodasse antes de se aninhar atrás de meus joelhos. Ainda deixou escapar um último ronrom quando apaguei a luz.

– Boa noite, senhor Clive – murmurei e caí no sono.

*Tum.*

– Oh, meu Deus!

*Tum, tum.*

– Oh, oh!

*Incrível.*

Despertei mais rapidamente desta vez, pois sabia o que estava ouvindo. Sentei na cama e olhei ferozmente para trás. Ela ainda se encontrava a uma distância segura da parede, por isso não senti nenhum movimento, mas era óbvio que algo se mexia no vizinho.

E, então, eu ouvi... um assobio?

Pousei o olhar em Clive, cujo rabo formava um verdadeiro pompom. Ele arqueou o dorso e vagueou para frente e para trás no pé da cama.

– Ei, carinha. Está tudo bem. Só temos um vizinho barulhento

– apaziguei, estendendo a mão. Foi então que ouvi:

– Miau.

Estiquei o pescoço para escutar melhor. Examinei Clive, que olhou para trás como se dissesse: “Não fui eu”.

– Miau! Oh, meu Deus. Miau...

A garota no apartamento ao lado estava miando. O que diabo meu vizinho estava aprontando para conseguir *isso*?

A essa altura do campeonato, Clive surtou completamente e se lançou na direção da parede. Literalmente, a escalou para tentar alcançar a fonte do ruído, acrescentando seus próprios miados ao coro.

– Oh, sim, assim mesmo, Simon! Ai... Miau! Miau, miau, miau!

Virgem Santíssima, uma gata no cio de um lado da parede, um gato descontrolado do outro. A moça tinha sotaque, mas eu não consegui decifrá-lo. Europa oriental, com toda a certeza. Checa? Polonesa?

Era isso mesmo? Eu me encontrava plenamente desperta à uma e dezesseis da madrugada, tentando descobrir a nacionalidade da mulher que estava sendo comida no apartamento ao lado?

Tentei tranquilizar Clive, porém não funcionou. Ele era castrado, mas ainda um garoto – e queria aquilo que havia do outro lado da parede. Continuou miando, seus miados se

misturando com os da mulher, até que, para não chorar, comecei a rir da comicidade da situação. Minha vida havia se tornado um espetáculo do absurdo, e com um coro felino.

Ouvi Simon arquejar e tentei me recompor. Sua voz era baixa e rouca, e, embora Clive e a mulher continuassem clamando um pelo outro, escutei apenas Simon. Ele gemeu, e as pancadas na parede começaram. Lá vinha Simon.

A mulher miava cada vez mais alto conforme indubitavelmente marchava rumo ao seu clímax. Seus miados se tornaram gritos indecifráveis, e ela finalmente berrou:

*– Da! Da! Da!*

Ah. Era russa. Pelo amor de São Petersburgo!

Uma pancada derradeira, um gemido derradeiro – e um miado derradeiro. Depois, um abençoado e completo silêncio. Exceto por Clive, que continuou sofrendo por seu amor perdido até as quatro da manhã.

A guerra fria estava de volta.

## CAPÍTULO TRÊS

Quando Clive por fim se acalmou e parou com seu histerismo felino, eu já estava completamente exausta e desperta. De qualquer jeito, precisaria levantar dentro de uma hora – e sabia que perdera todo o sono a que teria direito naquela noite. Era melhor sair da cama e preparar o café da manhã.

– Miadora desgraçada – falei para a parede atrás de mim e caminhei até a sala.

Depois de ligar a TV, pus a máquina de café para funcionar e observei a luz da alvorada, que apenas começava a despontar nas janelas. Clive se enroscou em minhas pernas; revirei os olhos para ele.

– Ah, agora você quer que eu te dê amor, né? Depois de me trocar por Purina, ontem à noite? Que babaca você é, Clive – resmunguei, esticando meu pé e acariciando-o com o salto.

Clive tombou no chão e posou para mim. Ele sabia que eu não resistia às suas poses. Sorri e me ajoelhei ao seu lado.

– Sim, sim, eu sei. Agora você me ama porque sou a pessoa que compra ração. – Suspirei e cocei sua barriga.

Antes de ir para o chuveiro, resolvi dar uma espiada no noticiário matutino. Ouvi um barulho no corredor. Voltei para a cozinha, com Clive em meu calcanhar, e coloquei um pouco de comida em uma tigela. Assim que meu gato teve o que pretendia, fui rapidamente esquecida. Enquanto ia para o chuveiro, escutei uma movimentação no corredor. Como a Caroline Bisbilhoteira em que eu estava rapidamente me

transformando, meti a cara no olho mágico para espionar Simon e Purina.

Ele se encontrava em pé, na soleira de sua porta – dentro do apartamento o bastante para impedir que eu vislumbrasse seu rosto. Purina estava no corredor, e dava para ver a mão de Simon afagando o longo cabelo dela. Praticamente ouvi o ronronar da mulher através da maldita porta.

– Hummmm, Simon, a noite de ontem foi... hummmm – ela *ronronou de fato*, inclinando-se para a mão dele, que agora repousava em sua face.

– Concordo. Essa é uma boa forma de descrever a noite de ontem e a manhã de hoje – ele disse calmamente, e os dois deram uma risadinha.

Lindo. Dois pelo preço de um, de novo.

– Você me liga quando voltar à cidade? – ela perguntou enquanto ele afastava o cabelo de seu rosto.

– Ah, pode contar com isso – ele falou e então a puxou para aquilo que só pude deduzir que tenha sido um beijo arrasador. Ela levantou um pé, como se estivesse posando. Comecei a revirar os olhos, mas isso doeu. É que meu olho direito estava muito pressionado contra o olho mágico, sabe.

– *Dosvidaniya* – ela sussurrou com seu sotaque exótico. Soava muito melhor agora que não miava como uma gata no cio.

– Claro – riu ele, e, com isso, ela partiu graciosamente.

Fiz um esforço para vê-lo antes que entrasse de novo, mas nada. Perdi-o outra vez. Tinha de admitir: depois das palmadas e dos miados, estava morrendo de vontade de saber como ele era. Genuínas proezas sexuais estavam rolando no

apartamento ao lado. Eu só não entendia por que isso tinha de afetar o meu sono. Virei as costas à porta de entrada e fui para o chuveiro. Debaixo da ducha, ponderei o que diabo era preciso para fazer uma mulher miar.

Por volta das sete e meia, já na rua, pulei em um bonde e revisei o dia que tinha pela frente. Ia encontrar um cliente novo, finalizar alguns detalhes de um projeto que terminara recentemente e almoçar com minha chefe. Sorri ao pensar em Jillian.

Jillian Sinclair possuía sua própria empresa de design, na qual eu tivera a sorte de estagiar em meu último ano em Berkeley. Com quase quarenta – mas com a aparência de quase trinta –, ela construiu uma reputação sólida na comunidade do design. Desafiou convenções, foi uma das primeiras a varrer do mapa o shabby chic e a resgatar os tons neutros e serenos e os padrões geométricos do visual “moderno” que era a grande moda atual. Ela me contratou definitivamente quando o estágio acabou e agora me proporcionava a melhor experiência que uma jovem designer poderia desejar; era estimulante, criteriosa, com um instinto infalível e um olho para detalhes mais infalível ainda. Mas a melhor coisa de trabalhar para ela? Jillian era divertida.

Quando saltei do bonde, logo avistei meu escritório. O Jillian Designs ficava no Russian Hill, uma bela área da cidade: mansões de contos de fadas, ruas sossegadas, vista fantástica para as colinas mais altas. Algumas das maiores casas antigas haviam sido convertidas em espaços comerciais, e o nosso edifício era um dos melhores.

Soltei um suspiro ao entrar em minha sala. Jillian pedira a cada designer que desse uma cara própria ao seu espaço particular. Era uma maneira de mostrar a potenciais clientes o que eles podiam esperar, e eu pensei muito sobre meu ambiente de trabalho. Paredes de um cinza profundo eram acentuadas por suntuosas cortinas rosa-salmão. Minha mesa era de ébano escuro, com uma cadeira forrada de seda champanhe e dourada. A sala era discretamente distinta – com um toque de extravagância provido pela minha coleção de anúncios das sopas Campbell's dos anos quarenta e cinquenta. Tinha encontrado vários deles em uma venda de garagem, todos recortados de antigas edições da revista *Life* e emoldurados. Eu sorria toda vez que os olhava.

Gastei alguns minutos jogando fora as flores da semana anterior e preparando um novo buquê. Toda segunda-feira, eu parava na floricultura vizinha ao escritório para escolher flores para a semana. As flores mudavam, mas as cores tendiam a recair nas mesmas paletas. Eu era particularmente fã dos laranjas e rosas intensos, pêssegos e dourados calorosos. Desta vez, tinha escolhido rosas híbridas de uma linda cor coral, com uma coloração framboesa nas pontas.

Reprimi um bocejo e sentei à mesa para me preparar para o dia. Vislumbrei Jillian quando ela passou pela minha porta e acenei. Sempre impecável, ela era alta, esguia e adorável. Hoje, vestida de preto da cabeça aos pés, exceto pelo peep toe fúcsia, estava arrasando, poderosa.

– E aí, gata! Que tal o apartamento? – Jillian perguntou, sentando-se na cadeira do outro lado da mesa.

– Fantástico. De novo, muitíssimo obrigada. Nunca vou conseguir te pagar. Você é a melhor.

O meu novo apartamento era propriedade de Jillian, ela o havia comprado assim que se mudara para a cidade, anos atrás. Agora, estava reformando uma casa em Sausalito. Tendo em vista o que eram os aluguéis em San Francisco, foi um achado. Eu já me preparava para continuar com as bajulações, quando ela me deteve com um aceno de mão.

– Psiu, não é nada. Sei que devia ter me livrado disso, mas foi o primeiro apartamento em que morei sozinha e não gostaria de me desfazer dele. Gosto da ideia dele estar sendo habitado de novo. É um bairro tão bom... – Ela sorriu, eu sufoquei outro bocejo. – Caroline, é manhã de segunda-feira. Como você já pode estar bocejando?

Dei uma risada.

– Quando foi a última vez que você dormiu lá, Jillian? – Fitei-a por cima de minha xícara de café. Era a terceira.

– Nossa, já faz algum tempo. Um ano, talvez? Benjamin estava fora da cidade, e eu ainda tinha uma cama por lá. Às vezes, quando trabalhava até tarde, acabava dormindo no apartamento. Por quê?

Benjamin era o seu noivo. Milionário que conquistou tudo sozinho, capitalista de risco e estonteantemente bonito. Minhas amigas e eu tínhamos uma paixãozinha platônica por ele.

– Você ouviu algo vindo do apartamento vizinho? – perguntei.

– Não, não. Acho que não. Tipo o quê?

– Hum, barulhos. Barulhos tarde da noite.



– Não, não quando eu estava lá. Não sei quem vive lá agora, mas acho que alguém se mudou no ano passado. Ou há dois anos? Nunca conheci. Por quê? O que você escutou?

Corei furiosamente e dei um gole no café.

– Espera aí. *Barulhos tarde da noite?* Caroline? Sério? Você ouviu o vizinho transando? – ela indagou.

Bati a cabeça na mesa. Ai, meu Deus. Flashbacks. Nada de pancadas. Dei uma espiadinha em Jillian, que lançou a cabeça para trás numa gargalhada.

– Jesus, Caroline! Não fazia ideia! O último vizinho, pelo que me lembro tinha uns oitenta anos, e o único ruído que vinha daquele quarto era das reprises de *Gunsmoke*. Mas, pensando bem, eu realmente conseguia ouvir os episódios muitíssimo bem...

– Céus, não é *Gunsmoke* o que vem daquelas paredes agora. É sexo, pura e simplesmente. E não é sexo cheio de frescura, ou monótono. Estamos falando de sexo... interessante. – Abri um sorriso.

– O que exatamente você escutou? – Jillian perguntou, os olhos brilhando.

Não importa sua idade, nem de onde você é, existem duas verdades universais: sempre damos risada de... gases na hora errada e sempre queremos saber sobre o que acontece na cama alheia.

– Jillian, sério: nunca escutei nada assim antes! Na primeira noite, eles estavam batendo na parede com tanta força, que um quadro caiu na minha cabeça!

Os olhos de Jillian se arregalaram, e ela se inclinou sobre a

mesa.

– Mentira!

– Não é mentira, não! Depois ouvi... Cruzes, ouvi tapas. – Eu estava conversando com a minha chefe sobre espancamento erótico. Entende por que adoro minha vida?

– Nãããão! – Jillian falou, e rimos como duas colegiais.

– Siiiiim. E ele fez a minha cabeceira se mexer, Jillian. Se mexer! Vi a Castigada na manhã seguinte, quando ela estava saindo.

– Você a chama de Castigada?

– Claro! E, então, ontem...

– Duas noites seguidas! A Castigada foi castigada de novo?

– Que nada, ontem fui presenteada com uma aberração da natureza que batizei de Purina.

– Purina? Não entendi. – Ela franziu as sobrancelhas.

– A russa que ele fez *miar*.

Ela riu outra vez, o que fez Steve, da contabilidade, enfiar a cabeça no vão da porta.

– O que vocês estão tagarelando, hein? – ele perguntou e então começou a rir enquanto se afastava, ainda balançando a cabeça.

– Nada! – respondemos em uníssono, para cairmos na gargalhada novamente.

– *Dois* mulheres em *duas* noites, é impressionante – Jillian suspirou.

– Impressionante? Não, não. Galinha? Sim, sim.

– Uau. Você sabe o nome dele?

– Pior que sei. É Simon. Sei, porque Castigada e Purina

ficaram gritando sem parar. Não foi difícil deduzir. Trepador de paredes maldito – bufei.

Jillian permaneceu calada por um momento e, então, abriu um largo sorriso.

– Simon Trepador de Paredes: adoro!

– É, você adora. Não foi o seu gato que tentou acasalar com uma russa que miava através da parede, de madrugada. – Soltei um riso pesaroso e bati novamente a cabeça na mesa; nós continuamos dando risada.

– Muito bem, vamos trabalhar – disse Jillian por fim, enxugando as lágrimas dos olhos. – Preciso que você fisgue esses clientes de hoje. Que horas eles vêm?

– Ah, os Nicholson vêm à uma. Os projetos e a apresentação estão prontinhos. Acho que eles vão gostar bastante do que fiz com o quarto. Vamos oferecer uma saleta anexa à suíte e um banheiro novinho em folha. Ficou sensacional.

– Não duvido. Você me fala quais são suas ideias durante o almoço?

– Claro, sem problemas – respondi enquanto Jillian se encaminhava à porta.

– Sabe, Caroline, se você conseguir fechar esse negócio, será ótimo para a empresa – disse ela, me fitando através de seus óculos com aro de tartaruga.

– Espere só até ver o que preparei para o novo home theater dos Nicholson.

– Mas eles não têm um home theater.

– Ainda não – falei, arqueando as sobrancelhas e sorrindo astuciosamente.

– Gostei – ela aprovou e saiu para começar o seu dia.

Definitivamente, os Nicholson eram o tipo de casal que eu queria ser. Mimi havia feito alguns serviços para Natalie Nicholson, endinheirada e de sangue azul, quando Natalie remodelou seu escritório, no ano passado. Ela me indicou para o design do interior, e eu imediatamente comecei a planejar a transformação do quarto do casal.

Trepador de Paredes. Céus!

– Fantástico, Caroline. Simplesmente fantástico – Natalie delirou enquanto eu acompanhava ela e o marido até a porta da frente. Tínhamos passado quase duas horas revisando o projeto, e, tendo nos acertado quanto a uns poucos detalhes, não tive dúvida de que seria um trabalho excitante.

– Então, você acha que é a designer certa para nós? – Sam perguntou, piscando os profundos olhos castanhos, envolvendo a cintura da esposa com o braço e brincando com o rabo de cavalo dela.

– É você quem me diz – provoquei-o, sorrindo para ambos.

– Adoraríamos trabalhar com você neste projeto – Natalie disse ao apertarmos as mãos.

Eu me cumprimentei mentalmente, mas mantive o rosto impassível.

– Excelente. Entro em contato em breve, e podemos começar a planejar um cronograma – falei enquanto segurava a porta do escritório para os dois.

Permaneci no vão e dei um tchauzinho; depois, entrei, deixando a porta bater atrás de mim. Dei uma olhadinha para Ashley, nossa recepcionista. Ela ergueu uma sobrancelha para

mim, e eu retribuí o gesto.

– E aí? – perguntou ela.

– Na mosca! – Suspirei, e ambas soltamos gritinhos histéricos. Jillian desceu a escada enquanto fazíamos uma dancinha e se deteve.

– O que aconteceu aqui embaixo? – perguntou, sorridente.

– Caroline fechou com os Nicholson! – Ashley exclamou.

– Boa! – Jillian me deu um abraço rápido. – Orgulhosa de você, gata – ela sussurrou, e eu brilhei. Sério, brilhei mesmo.

Saltitei até o meu gabinete, dando gritinhos e estalidos com a língua ao contornar a mesa. Sentei, rodopiei na cadeira e observei a baía.

*Boa jogada, Caroline. Boa jogada.*

Naquela noite, ao sair com Mimi e Sophia para comemorar meu sucesso, posso ter virado mais do que algumas margaritas. Segui em frente com shots de tequila e ainda lambia o sal que já não existia no meu pulso enquanto elas me ajudavam a subir a escada.

– Sophia, você é linda! Sabe disso, não sabe? – falei, me inclinando para ela enquanto rastejávamos pelos degraus.

– Sim, Caroline, sou linda. Bela observação do óbvio – ela disse. Com quase um metro e oitenta e um flamejante cabelo ruivo, Sophia tinha total consciência da sua aparência.

Mimi riu, e me virei para ela.

– E você, Mimi, é a minha melhor amiga. E é tão minúscula! Aposto que eu poderia te carregar no bolso.

Soltei uma risada enquanto tentava encontrar meu bolso. Mimi era uma filipina nanica com pele cor de caramelo e

cabelo negro retinto.

– Devíamos tê-la proibido de beber depois que o guacamole acabou – Mimi resmungou para Sophia. – Não vamos mais deixá-la beber sem comida por perto. – Ela me arrastou pelos últimos degraus.

– Não fale de mim como se eu não eu não estivesse aqui – reclamei, tirando minha jaqueta e começando a fazer o mesmo com a blusa.

– Ei, nada de ficar pelada no corredor, ok? – Sophia me repreendeu, retirando a chave da minha bolsa e abrindo a porta. Tentei beijá-la na bochecha, mas ela se esquivou.

– Caroline, você está fedendo a tequila e repressão sexual. Sai de perto de mim. – Ela soltou uma risada e me ajudou a passar pela porta. A caminho do quarto, avistei Clive no peitoril.

– Oi, Clive. Como vai o meu garotão?

Ele me encarou e saiu. Clive desaprovava meu consumo de álcool. Mostrei a língua para ele. Desabei na cama e fitei minhas amigas no umbral da porta. Elas sorriram afetadamente, com aquela expressão de “você está de porre e nós não, por isso, estamos te julgando”.

– Desçam do salto, senhoras. Já vi as duas em porres muito piores do que este – comentei, minha calça seguindo o mesmo caminho da blusa, que jazia no chão. Se você me perguntar por que eu continuava calçando meus sapatos, não saberei responder.

As duas abriram o edredom, e eu rastejei para debaixo dele, encantada. Elas me aconchegaram tão bem, que as únicas coisas que ficaram de fora foram meu nariz, meus olhos e

meu cabelo desarrumado.

– Por que o quarto está girando? Que diabo vocês duas fizeram com o apartamento da Jillian? Ela me mata! – gemi enquanto observava o quarto se mover.

– O quarto não está girando, Caroline. Relaxa. – Mimi deu uma risadinha abafada, sentou ao meu lado e deu tapinhas em meu ombro.

– E essas pancadas, que merda são essas pancadas? – murmurei para as axilas de Mimi, que em seguida cheirei para aprovar sua escolha de desodorante.

– Caroline, não tem pancada nenhuma. Céus, você deve ter bebido mais do que a gente pensou! – Sophia exclamou, sentando no pé da cama.

– Não, Sophia. Eu também ouvi. Você não está ouvindo? – Mimi falou numa voz sussurrada.

Sophia se imobilizou, e todas nós ficamos atentas. Uma pancada distinta ressoou, e, depois, um inconfundível gemido.

– Gatinhas, relaxem. Vocês estão prestes a trepar pelas paredes – declarei.

Sophia e Mimi arregalaram os olhos, mas permaneceram imóveis.

Seria a Castigada? Ou Purina? Contando com esta última, Clive entrou no quarto, pulou na cama e encarou a parede com atenção arrebatada.

Nós quatro nos sentamos e aguardamos. Mal consigo descrever a que fomos submetidos desta vez.

– Oh, meu Deus!

*Tum.*

– Oh, meu Deus!

*Tum, tum.*

Mimi e Sophia se viraram para mim e para Clive. Apenas anuímos com a cabeça – nós dois, juro. Um sorriso se espalhou lentamente pelo rosto de Sophia. Já eu me concentrei na voz que vinha da parede. Era diferente... O tom era mais baixo, e, enfim, eu não conseguia distinguir o que ela falava. Mas não era Castigada nem Purina.

– Hummmm, Simon... hi-hi... isso... hi-hi... aí... hi-hi... mesmo... hi-hi, hi-hi.

Hã?

– Isso, isso... snif... isso! Fode, fode... hi-hi, snif... fode, isso!

Ela estava dando risadinhas e fungadas. Era uma risadinha muito, muito esquisita.

Nós três rimos junto com ela durante sua trajetória ao que souu como um clímax fenomenal. Clive, tendo percebido que sua amada não apareceria, se retirou intempestivamente para a cozinha.

– Que merda é essa? – Mimi sussurrou, seus olhos arregalados.

– Essa é a tortura sexual que tenho escutado nas duas últimas noites. Vocês não fazem ideia – resmunguei, sentindo os efeitos da tequila.

– A Risadinha fez essa apresentação nas duas últimas noites?

– Sophia gritou, levando a mão à boca quando mais gemidos e risadinhas atravessaram a parede.

– Até parece. Esta é a primeira noite que tive o prazer de conhecê-la. Antes, foi a Castigada. Era uma garota muito safadinha e precisava ser punida. E, ontem, Clive conheceu o



amor de sua vida quando Purina fez sua estreia...

– Por que Purina? – Sophia interrompeu.

– Por que ela mia na hora H – falei, me escondendo debaixo da coberta. A euforia etílica estava começando a se dissipar e a dar lugar ao óbvio déficit de sono que eu experimentava desde que me mudara para aquele antro de devassidão.

Sophia e Mimi puxaram a coberta do meu rosto no exato momento em que a moça gritou:

– Ai, meu Deus, isso é... ha-ha-ha-ha... tão bom!

– O cara do apartamento ao lado consegue fazer uma mulher miar? – Sophia indagou, com uma sobrancelha erguida.

– Aparentemente, sim – cacarejei, sentindo a primeira onda de náusea me fustigar.

– Por que ela está rindo? Por que alguém riria ao ser comida desse jeito? – perguntou Mimi.

– Sei lá, mas é bacana ouvi-la se divertindo – disse Sophia, rindo ela própria depois de uma gargalhada particularmente retumbante. *Gargalhada, minha gente...*

– Você já viu esse cara? – Mimi perguntou, o olhar ainda fixo na parede.

– Não. Mas o meu olho mágico tem trabalhado bastante.

– Bom, pelo menos um buraco tem estado ocupado nesta casa

– Sophia murmurou.

Eu a encarei.

– Que desagradável, Sophia. Só vi a nuca dele, mais nada – respondi, me endireitando.

– Uau, três garotas em três noites. Isso é que é energia! – disse Mimi, ainda contemplando a parede, boquiaberta.

– É repugnante, isso sim. Já nem posso dormir à noite. Minha pobre parede! – choraminguei, e um gemido profundo veio *dele*.

– Sua parede... O que sua *parede* tem a ver com... – Sophia começou, mas eu agarrei sua mão.

– Só espere, por favor – falei. Ele estava chegando lá.

A parede desatou a tremer ao ritmo das pancadas, e os risos da mulher ficaram cada vez mais altos. Sophia e Mimi arregalaram os olhos, atônitas, enquanto eu me limitei a balançar a cabeça.

Podia ouvir Simon gemendo e sabia que ele estava perto do clímax. Mas seus ruídos foram rapidamente abafados pelos da sua parceira daquela noite.

– Oh... hi-hi... é isso... hi-hi... aí... hi-hi... não... hi-hi... para... oh... hi-hi... meu Deus... hi-hi... não... hi-hi... para!

*Por favor. Por favor. Pare.*

Hi-hiiiiiii...

E, com uma risada e um gemido derradeiros, o silêncio caiu sobre o ambiente. Sophia e Mimi se entreolharam, e Sophia disse:

– Oh...

– Meu... – acrescentou Mimi.

– Deus – ambas disseram em coro.

– E é por *isso* que eu não consigo dormir – suspirei.

Enquanto nos recuperávamos da Risadinha, Clive voltou ao quarto para brincar com uma bolinha de algodão.

Risadinha, acho que te odeio mais do que todas...

## CAPÍTULO QUATRO

As noites seguintes foram abençoadamente calmas. Nada de batidas, nada de palmadas, nada de miados, nada de risadas. É verdade que Clive se sentia um tanto abandonado de vez em quando, mas tudo o mais ia muito bem no apartamento. Conheci alguns dos vizinhos, incluindo Euan e Antonio, que viviam no andar de baixo. Não vira nem ouvira Simon desde a Risadinha e, embora estivesse grata pelas noites de sono perfeito, também estava curiosa sobre o motivo de seu desaparecimento. Euan e Antonio ficaram encantados em me atualizar.

– Gata, espere até ver nosso querido Simon. Que espécie de rapaz! – exclamou Euan. Antonio tinha me pegado no corredor, a caminho de casa, e em segundos um coquetel surgira em minha mão.

– Sim! Ele é sofisticado! Ah, se eu fosse uns aninhos mais jovem – Antonio cantarolou, abanando-se enquanto Euan o fuzilava com os olhos por cima de seu Bloody Mary.

– Se você fosse uns anos mais jovem, o quê? Por favor. Simon nunca foi para o seu bico. Ele é um filé... e você e eu não passamos de salsichas.

– Fale por você – riu Antonio, chupando sugestivamente o talo de seu aipo.

– Cavalheiros, por favor. Falem-me desse cara. Admito que, depois do show que ele deu durante a semana, estou um pouco intrigada a respeito do homem por trás das batidas na

parede.

Ao perceber que eles não iriam retribuir se eu não abrisse o bico, contei sobre as travessuras que Simon fazia de madrugada. Os dois se agarraram a cada palavra como sanguessugas. Falei das sucessivas mulheres com quem ele tinha ficado e Euan e Antonio deduziram o resto.

Simon era um fotógrafo freelancer que viajava pelo mundo. Ambos supuseram que ele estava fora a trabalho no momento, o que explicava a qualidade do meu sono. Simon trabalhara em projetos do Discovery Channel, da Sociedade Costeau e da *National Geographic* – só coisa grande. O meu vizinho já tinha ganhado prêmios por suas fotos e, anos antes, tinha até mesmo passado um tempo cobrindo a Guerra do Iraque. Sempre deixava o carro quando viajava: um velho e desconjuntado Land Rover do gênero encontrável em uma savana africana.

A partir do que Euan e Antonio me contaram – o carro, o trabalho – e do fórum internacional de orgasmos do outro lado da parede, comecei a montar o perfil desse homem, que ainda não tinha visto. E estaria mentindo se dissesse que não ficava mais curiosa a cada dia.

No fim de uma tarde, depois de deixar algumas amostras nos Nicholson, decidi voltar a pé para casa. A neblina tinha se dissipado, desvendando a cidade e oferecendo um belo começo de noite para um passeio. Enquanto contornava a esquina rumo a meu apartamento, notei que o Land Rover não ocupava seu posto habitual, atrás do prédio. O que significava que ele andava por aí.

Simon estava de volta a San Francisco.

Embora tivesse me preparado para outra rodada de trepada pelas paredes, os dias seguintes transcorreram sem grandes acontecimentos. Eu trabalhei, caminhei, cuidei de Clive. Saí com minhas amigas, fiz um maravilhoso pão de abobrinha na minha já bem disciplinada Kitchen Aid e passei algum tempo pesquisando sobre minhas férias.

Todo ano, eu saía de férias completamente sozinha por uma semana. Sempre para um destino excitante, e nunca fui duas vezes para o mesmo lugar. Houve um ano em que passei uma semana caminhando em Yosemite. Em outro, pratiquei esportes radicais num acampamento de ecoturismo, nas florestas tropicais da Costa Rica. Em outro, foram sete dias de mergulho na costa de Belize. E neste ano... eu não sabia para onde iria. A Europa estava se tornando financeiramente impossível no atual estado da economia, então a descartei. Considerava o Peru, já que sempre quis conhecer Machu Picchu. Claro que ainda tinha muito tempo, mas, geralmente, metade da diversão era decidir onde eu queria passar as férias.

Também consumi bastante tempo no olho mágico. Sim, confesso. Sempre que ouvia uma porta se fechar, corria para bisbilhotar. Clive me olhava com um sorrisinho. Ele sabia exatamente o que eu pretendia. Por que estava me julgando, no entanto, jamais saberei, já que suas orelhas se empinavam sempre que ele ouvia ruídos vindos da escada. Ainda sofria por sua Purina.

Eu ainda não tinha visto Simon de verdade. Uma vez, cheguei

ao olho mágico só para vê-lo entrando em seu apartamento, mas tudo o que peguei foram uma camiseta preta e um despenteado cabelo escuro. Podia ser loiro-escuro – era difícil dizer sob a luz fraca do corredor. Precisava de uma iluminação melhor para uma investigação melhor.

Outro dia, voltando do trabalho, vi o Land Rover se afastar do meio-fio enquanto eu virava a esquina. Ia passar pertinho de mim! Aí, precisamente quando eu estava prestes a vê-lo pela primeira vez, a *enxergar* o homem por trás do mito, tropecei e caí de bunda na calçada. Felizmente, Euan me viu, me socorreu – assim como ao meu ego ferido e ao meu traseiro dolorido –, me levou para dentro e me serviu uma dose de uísque.

Tudo continuou sossegado naquela noite. Eu sabia que Simon estava em casa, pois o ouvia ocasionalmente: uma cadeira sendo arrastada, um ou dois risos tranquilos. Mas nada de harém e, portanto, nada de batidas na parede.

De fato, nós dormimos juntos na maioria das noites. Ele punha Glenn Miller e Duke Ellington do seu lado da parede, e eu escutava descaradamente. Meu avô costumava tocar seus velhos discos à noitinha, e os estalidos e rangidos da agulha no vinil soavam reconfortantes conforme eu adormecia, com Clive aninhado a mim. Concedo isto a Simon: ele tinha bom gosto musical.

Essa tranquilidade era boa demais para perdurar, entretanto, e o mundo voltou a desabar algumas noites depois.

Primeiro, fui submetida a uma nova sessão da Castigada. Ela tinha sido uma menina má outra vez e seguramente mereceu

a retumbante punição que recebeu – palmadas que duraram no mínimo meia hora e que terminaram com exclamações de “Isso! Aí mesmo! Meu Deus, é aí mesmo!” antes que a parede começasse a tremer de fato. Não dormi naquela noite; apenas fiquei deitada, revirando os olhos e ficando cada vez mais frustrada.

Na manhã seguinte, do meu posto no olho mágico, peguei Castigada partindo e consegui dar uma boa olhada nela pela primeira vez. De rosto rosado e brilhante, era uma garota corpulenta, com quadris e coxas cheios de curvas e uma bunda realmente avantajada. Era baixa – baixa mesmo – e rechonchudinha; precisou ficar na ponta do pé para o beijo de despedida em Simon, e eu deixei de vê-lo porque a fiquei observando. Me espantou seu gosto para mulheres. Castigada era exatamente o oposto do que eu tinha visto de Purina, que parecia uma modelo.

Prevendo que Purina não demoraria a bater o ponto, na noite seguinte, dei a Clive uma meia repleta de erva-de-gato e uma tigela cheia de atum. Minha esperança era que ele ficasse entorpecido e com sono antes de a ação rolar. Mas os presentes tiveram o efeito contrário. Meu garoto estava pronto para a farra quando os primeiros acordes de Purina soaram através da parede, por volta de uma e quinze da madrugada.

Se Clive pudesse usar um smoking, o teria feito.

Antes, com um ar blasé, ele inspecionou o quarto e, principalmente, a área em frente à parede. Quando Purina iniciou os miados, porém, não conseguiu se conter: saltou de

novo contra a parede. Pulou do criado-mudo para o armário e deste para as prateleiras, escalando travesseiros e até um abajur – tudo para chegar mais perto de sua amada. Quando percebeu que nunca conseguiria atravessar o estuque, entoou uma serenata numa grotesca versão felina de Barry White, seus miados competindo com os dela em intensidade.

Quando a parede começou a tremer – e Simon estava quase lá –, fiquei admirada com o fato de os dois conseguirem manter o foco e o controle mesmo com aquele estardalhaço. Afinal, se eu podia ouvi-los, eles também deveriam ser capazes de ouvir Clive e seu pandemônio. Mas, pensando bem, se eu estivesse sendo empalada pelo Pau Maravilhoso do Trepador de Paredes, provavelmente conseguiria compartimentar as ações...

No entanto, neste momento, eu não estava sendo empalada por coisa alguma, e sim ficando irritada. Me sentia cansada, com tesão e sem nenhum alívio à vista.

Na manhã seguinte após essa noite de sono abreviada, me arrastei até o olho mágico para mais uma sessão de Vigia do Harém. Fui recompensada com um vislumbre do perfil de Simon quando ele se inclinou para o beijo de despedida em Purina. Foi rápido, mas o suficiente para ver seu maxilar: forte, definido. Um ótimo maxilar. A melhor coisa daquele dia foi a visão do maxilar. O resto foi uma merda.

Primeiro, houve um problema com o empreiteiro da casa dos Nicholson. Aparentemente, ele não apenas tirava intervalos de almoço exagerados, como fumava baseado no sótão todo santo dia. O terceiro andar do imóvel cheirava a um show do



Grateful Dead.

Depois, uma remessa inteira de azulejo para o piso do banheiro chegou rachada e lascada. O tempo necessário para encomendar e enviar tudo de novo atrasaria o projeto em, no mínimo, duas semanas, arruinando qualquer chance de entregá-lo no prazo. Em qualquer construção maior, o prazo não passa de uma *estimativa*. No entanto, eu nunca havia perdido um deadline e, sendo aquele um projeto importante, fiquei enlouquecida (não no bom sentido) ao constatar que não existia nada que pudesse fazer para acelerar as coisas – exceto pegar um avião para a Itália e trazer os malditos azulejos eu mesma.

Depois de um almoço rápido, durante o qual engasguei, cuspi refrigerante no chão e passei vergonha, parei em uma loja a caminho do trabalho para olhar uma nova bota de caminhada. Planejava fazer trilha na Marin Headlands, no próximo fim de semana.

Enquanto examinava alguns modelos, senti uma fungada quente na orelha que me fez estremecer instintivamente.

– Ei, você – ouvi e me petrifiquei de terror. Lembranças me assolaram, e eu vi manchas. Senti frio e calor ao mesmo tempo, e a experiência mais pavorosa, mais terrível da minha vida desfilou diante dos meus olhos. Virei e dei de cara com...

Cory Weinstein, aquela metralhadora desgraçada que roubou meus Os.

– Uau, uma beleza na redondeza. Caroline! – ele cantarolou, recrutando seu Tom Jones interior.

Engoli a bÍlis e lutei para manter a compostura.

- Cory, que bom te ver. Como você está? – balbuciei.
  - Não posso reclamar. Fiscalizando restaurantes pro meu velho. E você? Como vai o negócio da decoração?
  - Negócio do design, e vai bem. Aliás, eu estava mesmo voltando para o trabalho, então, se você me dá licença – gaguejei, começando a passar por ele.
  - Ei, calminha, linda. Já almoçou? Posso conseguir um desconto para você numa pizzaria pertinho daqui. O que acha de cinco por cento? – ele disse. Até a voz dele era escrota.
  - Puxa, cinco por cento! Por mais que soe muito tentador, vou recusar – ironizei.
  - Então, Caroline, quando posso te ver de novo? Aquela noite... caramba! Foi demais, não foi? – Cory piscou um olho, e eu surtei.
  - Não. Não, Cory. Mil vezes, não! – exclamei, a bÍlis subindo outra vez. Lampejos de dentro e fora, dentro e fora, dentro e fora. Minha xoxota guinchou em legítima defesa. Nós duas não estávamos muito bem, é verdade, mas eu sabia o pavor que ela sentia da metralhadora. Só por cima do meu cadáver.
  - Ah, bonita, que é isso! Vamos fazer a magia acontecer – Cory arrulhou.
- Ele se inclinou em minha direção, e pude perceber que tinha comido salsicha recentemente.
- Cory, só pra você saber, estou prestes a vomitar no seu sapato. Por isso, se eu fosse você, daria uns passinhos pra trás.
  - Ele ficou branco e recuou. – E, só para constar: eu prefiro pregar minha cabeça na parede a *fazer a magia acontecer* com você outra vez. Você, eu e cinco por cento de desconto? Acho

que não. Tchauzinho! – falei através dos dentes cerrados e saí da loja, indignada.

Marchei de volta ao trabalho, irada e sozinha. Nada de azulejos italianos, nada de bota de caminhada, nada de homem, nada de O.

Passei a noite no sofá, em pânico. Não atendi ao telefone. Não fiz jantar. Engoli restos de comida tailandesa direto da embalagem e rosnei para Clive, que tentou roubar um camarão. Ele disparou para debaixo de uma cadeira e ficou me olhando.

Assisti a *Barefoot Contessa*, o que geralmente me animava. Ela fez sopa de cebola francesa e almoçou na praia com o marido, Jeffrey. Normalmente, ver os dois juntos me deixava toda tranquila e sonhadora. Eles eram tão fofinhos. Nessa noite, me deram náusea. Eu queria estar sentada em uma praia do East Hampton, enrolada num cobertor e tomando sopa com Jeffrey. Bem, não aquele Jeffrey, mas um equivalente. O meu Jeffrey.

*Porra de Jeffrey. Porra de Barefoot Contessa. Porra de almoço na praia.*

Quando já era tarde o bastante para ser justificável ir para a cama e deixar para trás aquele dia horrível, arrastei minha tristeza até o quarto. Fui pegar o pijama e notei que não havia lavado nenhuma roupa suja. Droga. Revolvi a gaveta de pijamas à procura de alguma coisa, qualquer coisa. Tinha várias peças bem sexy, do tempo em que O e eu estávamos em sintonia.

Resmunguei e me irritei e finalmente retirei um baby-doll

cor-de-rosa. Era preguiçoso e fofinho, e, embora eu adorasse usar lindas lingerie para dormir antes, agora odiava. Era um lembrete concreto do meu O desaparecido. Certo, já tinha se passado um tempo desde que eu tentara fazer contato. Quem sabe esta noite? Sem dúvida, eu estava tensa; um alívio viria muito a calhar.

Enxotei Clive e fechei a porta. Ninguém precisava ver aquilo. Pus INXS para tocar, pois precisava de toda a ajuda possível. Michael Hutchence, o vocalista, sempre me fazia chegar quase lá. Subi na cama, arrumei os travesseiros atrás de mim e me enfiei sob os lençóis. Minhas pernas nuas deslizaram pelo algodão fresco. Não há nada como a sensação de pernas recém-depiladas em lençóis de seiscentos fios. Talvez aquela fosse mesmo uma boa ideia. Fechei os olhos e tentei acalmar a respiração. Nas últimas – e poucas – vezes que tentara encontrar O, eu ficara tão completamente frustrada, que, no fim, me encontrava quase em prantos.

Nessa noite, iniciei com um apanhado das fantasias de sempre. Primeiro, um pouco de Catalano; deixei minhas mãos escorregarem sob a barra da camisola e subirem até os meus seios. Enquanto pensava em Jordan Catalano/Jared Leto beijando Angela Chase/Claire Danes no porão da escola, me imaginei no lugar dela. Senti o beijo dele, denso e pesado, em meus lábios, e, depois, seus dedos deslizaram sobre minha pele, em direção a meus mamilos. Quando suas/minhas mãos começaram a acariciá-los, experimentei o habitual frêmito no ventre, e o calor se espalhou por todo o corpo.

Com os olhos ainda fechados, a imagem mental mudou para

Jason Bourne/ Matt Damon atacando minha pele. Ambos fugíamos do governo, e somente nossa química física nos mantinha vivos. Os meus/seus dedos percorreram levemente a minha barriga e escorregaram para dentro da minha calcinha. Senti que aquilo estava dando resultado. Alguma coisa lá dentro despertava, se remexia. Arfei ao perceber o quanto estava pronta para Jason, e para Jordan.

Céus. O pensamento dos dois trabalhando juntos para trazer O de volta me fez estremecer, literalmente. Gemi e me preparei para o melhor.

Clooney. Visões de Clooney surgiram enquanto meus dedos brincavam, circulavam, provocavam e serpenteavam. Danny Ocean... George, de *Vivendo e aprendendo*.

Então, fui com tudo.

Dr. Ross. Terceira temporada de *Plantão médico*, depois do penteado tipo César ter sido retificado. Hummmmmmm... Gemi e suspirei. Estava dando certo. Eu estava ficando excitada de verdade. Pela primeira vez em meses, o meu cérebro e o restante do meu corpo pareciam estar em sintonia. Rolei de lado, a mão entre as pernas, quando vi o dr. Ross se ajoelhar diante de mim. Ele lambeu os lábios e me perguntou quando tinha sido a última vez que alguém me fizera gritar.

*Você nem imagina. Me faça gritar, dr. Ross.*

Detrás de olhos bem apertados, eu o vi se inclinar para mim, sua boca cada vez mais próxima. Empurrou meus joelhos gentilmente, beijando o interior de cada coxa. Eu podia sentir sua respiração em minhas pernas, e isso me fez estremecer.

A boca do dr. Ross se abriu, e aquela língua perfeita de